

# **SÁ, Guilherme. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.**

JOSÉ CÂNDIDO LOPES FERREIRA

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé, Amazonas, Brasil

FLORA RODRIGUES GONÇALVES

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**DOI:** 10.11606/issn.2316-9133.v23i23p325-329

A interação entre miquis e humanos, na região leste mineira, é o foco da observação e análise empreendidas por Guilherme Sá, apresentadas em seu livro *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*, publicado pela editora 7Letras, em 2013. O autor nos situa em meio à prática etnográfica, em uma tarefa nada simples e bastante peculiar de seguir primatólogos. A narrativa etnográfica desenvolvida por Guilherme leva o leitor a percorrer uma extensa rede que conecta diversos atores humanos e não humanos, sinalizando a intenção do autor de simetrizar posições e propor uma antropologia pós-social. Primatólogos, primatas, fazendeiros, mateiros, tabelas, cadernos de campo e um antropólogo são alguns atores que compõem essa rede. A “cultura-discurso”, nos termos do autor, de um grupo de cientistas é descrita e analisada a partir da observação do seu cotidiano de pesquisa da ecologia e etologia de duas espécies de primatas, conhecidos como miquis (*Brachyteles* spp.),<sup>1</sup> tendo como cenário a Estação Biológica de Caratinga (EBC), na Zona da Mata mineira.

Um dos principais tópicos pontuados por Sá é sua relação com seus *nativos*: seu empenho é *observar observadores*. Logo no início de sua empreitada etnográfica, o antropólogo deparou

com o questionamento de Kira, pesquisadora-chefe de um dos projetos sobre miquis, a respeito de suas intenções de pesquisa. A primatóloga norte-americana, com formação em antropologia,<sup>2</sup> tomava Guilherme por um antropólogo do tipo “que estuda ciência” e que poderia atrapalhar seus estagiários durante suas atividades, além de bisbilhotar a ciência ali desenvolvida. Por outro lado, mais uma razão motivava a posição de Kira, que era o fato de o antropólogo ser estranho aos miquis. Sua presença na mata poderia interferir no comportamento dos primatas e, conseqüentemente, nos dados dos pesquisadores. A diferença de “estratégias de olhar” (p. 28) é apontada pelo autor: o modo como primatólogos e antropólogos lidam com seus *objetos*.

Primatólogos prezam por uma observação *objetiva* do comportamento dos primatas, de modo que seja possível descrevê-lo tal como *naturalmente* acontece. “Habituação” é como estes cientistas nomeiam um conjunto de estratégias que usam para se aproximar dos primatas que estudam. Pelo acompanhamento diário dos grupos de macacos, após correr muito sob as árvores, os cientistas habituem esses animais à sua presença, de modo que seja possível os observarem na *naturalidade* de seu comportamento. Têm a intenção de ser observadores que não causam interferência; tal propósito é

impraticável para o antropólogo. A habituação operacionalizada por Guilherme, se assim podemos dizer, passa por seu posicionamento como *pesquisador* diante de outros pesquisadores. Quando ele consegue se inserir na rotina dos pesquisadores, mateiros e outros funcionários da EBC, é que passa a fazer parte das relações dos seus interlocutores. A simetria que elabora em sua análise parte do posicionamento como observador/pesquisador e da prática de pesquisa, que coloca no mesmo patamar primatólogos e antropólogos.

Grosso modo, a fronteira epistemológica entre as ciências naturais e as humanidades passa pela possibilidade do observador não interferir em seu objeto de estudo. Cientistas agem de modo a garantir um ideal de objetividade, de forma que seja possível captar a realidade natural das coisas – uma ontologia naturalista, nos termos de Descola (1996). Porém, no decorrer da produção da ciência, por diversos momentos, a objetividade escapa em meio às relações estabelecidas entre primatólogos e primatas. Isso fica mais evidente quando vislumbramos o sistema de nomeação de indivíduos usado pelos cientistas. O nome de gente dado a cada muriqui faz referência às suas características físicas, bem como à experiência pessoal do pesquisador com seu “muriqui focal”.<sup>3</sup> Neste ponto, convergem técnicas gerais próprias da ciência da primatologia justapostas à experiência subjetiva do pesquisador que nomeia o primata. A atribuição de nomes aos macacos não é algo trivial. Para além da mera técnica<sup>4</sup> estão as relações entre humanos e monos.

Estas incidências dos pesquisadores sobre os macacos são constantes de modo que batizar um pequeno filhote significa possuí-lo, incorporá-lo à sua experiência. A escolha do nome do filhote pressupõe que o pesquisador se relacione com ele, subjetivando-o (p. 127, grifos do autor).

Relações intersubjetivas permeiam o contato entre humanos e primatas no campo da pesquisa científica. Além de registros e campo, Guilherme seleciona uma série de relatos de renomados primatólogos nos quais ficam evidentes diversas situações em que interações pessoa-pessoa são estabelecidas entre humanos e animais. Nessas relações, a humanidade é uma condição difundida entre humanos e não humanos (p. 142).

Definições são necessárias. É importante diferenciar *intersubjetividade* de *projeção*. Intersubjetividade se refere a alguma troca experiencial que resulta em transformações significativas para os sujeitos nela envolvidos. Projeção faz referência a sobreposições de traços antropomorfos em não-humanos, um claro movimento de delimitação do mundo pelo discurso da ciência. Essas duas modalidades de interação compõem as atividades da ciência. Dada sua assimetria intrínseca, a projeção não colabora com uma análise do que Guilherme conhece no campo da convivência entre primatas e humanos. O autor se atém à via das relações intersubjetivas, a fim de desenvolver sua reflexão. Ele mapeia as situações em que aproximações acontecem e das quais derivam transformações, mais ou menos planejadas, para primatólogos e primatas. A reflexão sobre a intersubjetividade está na base da proposta do autor de fazer uma “antropologia da aproximação”.

Uma antropologia da aproximação é aquela que se propõe a levar a sério o que dizem seus *interlocutores* e, principalmente, pensar *com* eles. Diferente de tomar o mundo segundo as “representações” dos cientistas, num intuito relativista, essa antropologia procura “reelaborar o ‘familiar’ a partir de relações interativas e mutuamente contundentes entre antropólogos e seus interlocutores” (p. 39), se atentando às evidências que primatólogos (e seus muriquis) fazem emergir aos olhos do antropólogo.

A especificidade do campo etnográfico apresentado nesse livro começa pelos nativos da EBC: primatólogos estão acostumados a pesquisar, não a serem pesquisados. Não somente estes deveriam ser habituados pelo antropólogo, mas também este deveria ser aceito pelos muriquis. Ser aceito por eles implica admitir a validade dessa proposição (p. 142). Propor tal condição pressupõe uma tomada de posição dos primatas. Para pensar essa situação, Guilherme recorre às noções do perspectivismo, elaboradas por Eduardo Viveiros de Castro, acerca do conhecimento para os ameríndios: “Conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido” (2002, p. 358). Adotar um ponto de vista, estar pessoalmente inserido numa situação é condição fundamental para o conhecimento. Neste momento, sai de cena o observador que não interfere no mundo. Muriquis não são meros objetos, são sujeitos que integram a rede de relações motivada pela primatologia.

Sendo assim, os primatas incitam invenções do discurso da primatologia, na medida em que seu comportamento põe limites factuais às teorias elaboradas pelos cientistas. O “modelo babuíno”, que previa a reunião de fêmeas em torno de fontes de alimento e competição entre machos por acesso às fêmeas, do qual partiu Karen Strier<sup>5</sup>, logo teve de ser ajustado ao deparar com o “bom” comportamento, não competitivo, dos muriquis. Ajustes como estes são feitos a todo o momento no intercurso da produção científica. Porém não são todos os registros etológicos de primatas que promovem mudanças nas teorias a seu respeito.

Quando Ícaro, jovem estagiário que fez pesquisas na EBC, propõe formalizar numa publicação um registro de comportamento observado, Kira o desacredita, justificando que as observações não foram suficientes para embasar uma publicação. Segundo a pesquisadora, o

que o jovem julgava como novo padrão era, na verdade, uma variação de um comportamento já descrito. Guilherme expõe, a partir dessa contenda, o que chama de “predação científica” (p. 170): o processo pelo qual cientistas purificam os muriquis, macaco-sujeito, em números, gráficos e tabelas. Macacos-sujeitos, que recebem nomes, que interagem pessoalmente com primatólogos, são convertidos em “entidades distintas” (p. 171), em macacos-objetos. Esse argumento é importante para dissipar intenções de tomar a ciência como mero construto dos cientistas. A posição de Kira revela um compromisso com o objeto, neste caso, com os códigos e gráficos que sustentam o texto científico e falam dos muriquis nos termos da primatologia. “Assim, objetos são outra coisa que não representações de sujeitos, números em artigos científicos são outra coisa que não representações de macacos, mas igualmente concretos” (p. 171).

Ao final da jornada empreendida nas matas de Caratinga, algo que se torna mais evidente é o quanto estes cientistas se policiam de modo a não confundirem muriquis e números. Ideias acerca de representações e construções dos fatos científicos afligem recorrentemente a cabeça do antropólogo. A conclusão de Guilherme sobre sua conversa com Kira, a respeito de sua interferência sobre o comportamento dos muriquis, aponta para uma ética da relação na pesquisa. Tal qual primatólogos precisam ser aceitos pelos seus primatas, o antropólogo precisa ser aceito por seus interlocutores. E essa condição passa pela possibilidade do antropólogo se deixar afetar<sup>6</sup> pela lógica nativa. Afetar-se é perceber as transformações que esse encontro promove. Antropólogos e primatólogos trabalham da mesma forma: observando. O caso aqui não é elaborar representações alheias, mas respeitar a ontologia alheia, ter controle sobre a tradução.

Cientistas “transformam naturezas sem torná-las menos reais” (p. 181). O que o antropólogo tem a aprender com isso? A cautela de transformar culturas sem que elas percam seus sentidos próprios. Seguir cientistas tem mais a ver com elaborar uma compreensão acerca das transformações dos objetos da ciência no decorrer dos seus próprios processos, segundo sua lógica, do que trabalhar em *projeções* do que os *outros* pensam. A proposta de uma antropologia da aproximação evoca a sensibilização de uma percepção dos vínculos transformadores que emergem das relações estabelecidas entre antropólogo e interlocutor. Ao deixar-se afetar por seus primatólogos, Guilherme se afasta de uma postura cientificista e se liga ao que o campo lhe apresenta: às narrativas intersubjetivas.

De modo semelhante ao que nos orienta Marilyn Strathern (2006), para não buscarmos em outras sociedades as respostas para os nossos problemas, *No mesmo galho* aponta para uma boa estratégia etnográfica: “devemos aprender com eles [nossos interlocutores] na resolução de seus problemas” (p. 192). É nos momentos de impasse e controvérsia que atitudes e categorias fundamentais são expressas aos olhos do observador. Como este observador está imerso nas redes e compõe relações com seus interlocutores, a etnografia se torna uma narrativa de uma prática conjunta, de uma convivência. Essa convivência deve, antes de tudo, ser fonte de entendimento acerca da lógica nativa, de forma que o antropólogo possa compreender os problemas postos, bem como as soluções encontradas. Esta obra se mostra fonte inspiradora para outras etnografias, sejam aquelas voltadas para as ciências, sejam as voltadas para outros campos. Rompe com análises culturais (ou naturalistas) recorrentes de um estudo da ciência (enquanto) instrumental e assimétrica. Conclui que, no caso da primatologia, antropólogos e primatólogos são primatas e nativos.

## Notas

1. Existem duas espécies de miquis, ou mono carvoeiros: *Brachyteles hipoxantus* (muriqui-do-norte) e *Brachyteles arachnoides* (muriqui-do-sul).
2. Formação nos moldes da antropologia feita nos EUA, dos *four fields*: Antropologia Cultural, Linguística, Antropologia Biológica e Arqueologia.
3. Referência ao método “animal focal” definido por Jeanne Altmann (1974). Consiste basicamente na observação de interações de indivíduos, ou coletivos, animais específicos num determinado espaço e período de tempo.
4. O sistema de nomeação utilizado pelos primatólogos da EBC segue o modelo de outros primatólogos, como Jane Goodall e Dian Fossey. A regra geral consiste em dar nomes às crias usando a letra inicial do nome da mãe. A partir daí criam-se verdadeiras linhagens maternas.
5. Primatóloga norte-americana que iniciou os trabalhos de pesquisa sobre miquis em Minas Gerais na década de 1980.
6. Guilherme segue Fravret-Saada (2005 [1990]) em sua reflexão sobre o afeto. Para ele, “[O] ato de pesquisa pressupõe uma interação que relaciona a intencionalidade do pesquisador/sujeito (-objeto) à cumplicidade de seu objeto (-sujeito). Uma parceria” (p. 37).

## Referências bibliográficas

- ALTMANN, Jeanne. Observational study of behavior: sampling methods. In: *Behavior*, v. 49, p. 227-267, 1974.
- DESCOLA, Phillippe. Constructing natures. Symbolic ecology and social practice. In: Descola, P.; Pálsson, G. *Nature and Society: Anthropological perspectives*. London: Routledge, 1996.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Trad. Paula Siqueira. In: *Cadernos de Campo*, n.13, p. 155-161, 2005.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

**autores**

**José Cândido Lopes Ferreira**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG) e Pesquisador Bolsista do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

**Flora Rodrigues Gonçalves**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG) e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG)

*Recebido em 31/08/2014*

*Aceito para publicação em 08/12/ 2014*